

## Bíblia e النكبة<sup>2</sup> – guerra santa contra a Palestina - Um problema para a hermenêutica para América Latina

*Bible and النكبة – Holy war Against Palestine  
- hermeneutics Problems for Latin America*

### Resumo

Esta reflexão pergunta pelo papel da Bíblia na legitimização da guerra contra o povo palestino em Gaza e na Cisjordânia ao longo de pelo menos 75 anos; procura entender o sionismo que sustenta a Israel na ocupação militar da Palestina e os modos de comunicação e reprodução desta “ideia-força” na cultura de massas, no campo religioso em especial nos usos fundamentalistas da Bíblia; a reflexão identifica problemas e desafios para a hermenêutica latino-americana e possíveis críticas necessários sobre sionismo, colonialismo, militarismo, patriarcalismo e apartheid; o pensamento que articula diversos níveis de opressão, sem necessidade de hierarquia, oferece solidariedade ativa com a Palestina Livre e as condições de também libertar o texto bíblico de toda forma de opressão.

**Palavras-chave:** Sionismo; Palestina; Israel; Bíblia, cultura de massas; Fundamentalismo, apartheid.

### Abstract

This reflection asks about the role of the Bible in legitimizing the war against the Palestinian people in Gaza and the West Bank over at least 75 years; seeks to understand the Zionism that supports Israel in the military occupation of Palestine and the ways of communicating and reproducing this “idea-force” in mass culture, in the religious field, especially in fundamentalist uses of the Bible - with experience of some hermeneutical exercises; the reflection identifies problems and challenges for Latin American hermeneutics and possible necessary criticisms of Zionism, colonialism, militarism, patriarchalism and apartheid; only thought that articulates different levels of oppression, without the need for hierarchy, offers active solidarity with Free Palestine and the conditions to also free the biblical text from all forms of oppression

**Keywords:** Zionism; Palestine; Israel; Bible, mass culture; fundamentalism, apartheid.

---

<sup>1</sup> Nancy Cardoso, professora visitante Universidade Metodista de Angola.

<sup>2</sup> palavra árabe - Al Nakba - que significa “A Catástrofe” (referência ao processo de perda do território e limpeza étnica a partir de 1948 em que quase 1 milhão de palestinos viveram a Catástrofe nas mãos de israel; esta palavra ainda hoje marca luta pela soberania territorial plena da Palestina.

## **A guerra sionista contra a Palestina e seu projeto de poder**

Logo no início da intervenção militar em Gaza em outubro de 2023, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, respondeu aos pedidos de cessar-fogo feitos pela comunidade internacional afirmando com Eclesiastes 3:

*A Bíblia diz que existe um tempo para a paz e um tempo para a guerra. Agora é a hora da guerra. A guerra por um futuro comum. Hoje desenhamos uma linha entre as forças da civilização e as forças da barbárie (Nethanyahu, 2023).*

O líder israelense de extrema-direita usa a Bíblia para equiparar o tempo de Deus com os interesses e iniciativas do Estado de Israel. Esta afirmação pressupõe a legitimidade de uma guerra santa, a identificação do inimigo/outro (Hamás) com todo o povo palestino, a autoidentificação do Estado de Israel com a civilização e a superioridade na definição de objetivos para o futuro. A violência do Hamás contra comunidades e o crime de sequestro de centenas de israelenses se tornaram motivo para a punição coletiva do povo palestino em Gaza e na Cisjordânia (Unrwa, 2024).

Do lado de cá do mundo o pastor e teólogo Napoleão Falcão disse - que:

*(...) apesar das atrocidades horríveis cometidas contra civis israelenses, o mundo não deve temer o desfecho desses acontecimentos, pois tudo acabará conforme o que Deus já determinou. Não fique amedrontado, porque o Guarda de Israel não dorme; não se atemorize com o que está acontecendo e vai aumentar as dores veementemente. Está chegando a hora, então descanse. Israel vencerá sempre e nos haveremos de ver Jesus como ele é (Falcão, 2023).*

Falcão assume o lugar de profeta: conhece os sinais dos tempos porque conhece a Bíblia e pode afirmar que Deus – o Guarda de Israel - está atento e pode garantir que *Israel vencerá sempre* o que cria as condições para a 2ª volta de Cristo. Na frente ideológica da guerra a Bíblia é autoridade de legitimação e os conteúdos bíblicos sobrevoam a situação dramática oferecendo um significado profético para o caos. Nenhuma palavra sobre os sofrimentos sem fim na Palestina, assassinatos de trabalhadores de informação, médicos e agentes de assistência, como o acontecido com agentes da organização World Central Kitchen. Sete funcionários da organização foram mortos por um ataque fatal e descuidado de tropas de Israel; Netanyahu diz: “*Isso acontece em tempo de guerra*”. A organização reage: “*Este não é apenas um ataque contra a WCK, é um ataque a organizações humanitárias que aparecem nas situações mais terríveis em que os alimentos são usados como arma de guerra*” (Aljazeera, 2024).

Em seis meses de intervenção militar de Israel em Gaza além de mais de 34 mil mortos e pelo menos 78 mil feridos (maioria de mulheres e crianças) a Bíblia também foi arrastada pela trajetória impiedosa de perda das casas e terras, destruição da infraestrutura social e econômica, fome e doenças sistêmicas. A grandiosidade e ferocidade da resposta do Estado de ocupação militar

israelense significa dar continuidade e aprofundar os 75 anos de desrespeito das resoluções das Nações Unidas sobre o território e soberania do povo palestino (Sahad, 2023).

Entendendo que o atual Estado de Israel não tem uma continuidade mecânica com as narrativas bíblicas, assim como a Palestina também não (Ferabolli, 2012) a reflexão desde a América Latina, e convocada por RIBLA, entende que é preciso evitar os relatos superficiais – de mídias e lideranças religiosas – e abordar de modo integrado os temas de colonialismo, imperialismo, militarismo, apartheid e sionismo e os usos que fizeram e fazem do texto bíblico como lugar de poder no ocidente.

*Israel é uma invenção anglo-saxônica, instrumentalizada recorrentemente ao longo das décadas por EUA e Inglaterra. O sionismo é uma forma da supremacia racial branca e europeia sobre os árabes. Um instrumento dos interesses capitalistas e ocidentais sobre o Oriente Médio. É uma variação contemporânea da racialização do século XIX, visto pelo Ocidente (e os países não ocidentais ocidentalizados, com uma classe dominante submissa a essa racialização) como meio poderoso de intervenção na principal região produtora de gás e petróleo do planeta (Sacramento, 2023).*

Os interesses geopolíticos desde o fim da 2ª Guerra Mundial se aproveitaram de versículos e heróis de guerra para traçar sua fidelidade ao ocidente judaico-cristão. Toda vez que o texto bíblico é apropriado por um projeto de poder e dominação em nome da “escolha divina” de um povo – como Israel e os EUA - e no passado a elite branca na África do Sul - demoniza, humilha e exclui: *Esta monopolização da “verdade divina” pode ser absurda do ponto de vista lógico, mas de fato se transformou numa “ideia-força” que cumpriu um papel decisivo através de toda a história humana, tanto dos “povos escolhidos”, como dos “povos não escolhidos” por Deus (Fiori, 2024).*

Um documento de Human Right Watch que se chama “*Um limite ultrapassado: autoridades israelenses e os crimes de apartheid e perseguição*” de 2021, examina o tratamento de Israel aos palestinos e o qualifica como *apartheid (Human Rights Watch, 2021)*. O termo inicialmente usado para explicar a opressão das minorias brancas na África do Sul passou a ser um termo jurídico universal que consiste em três elementos principais:

1. A intenção de manter a dominação de um grupo racial sobre outro.
2. O contexto de opressão sistemática do grupo dominante sobre outro.
3. Atos desumanos.

Organizações internacionais de direitos humanos diretamente consideram o regime de Israel como política de apartheid, uma política única de exclusão do governo israelense para manter a dominação sistemática, e negação de direitos da totalidade da população palestina, em especial o direito a seu território.

O que a comunidade internacional chama de apartheid o fundamentalismo sionista chama de *eleição exclusiva*:

*(o pastor) Ferreira, ao final da publicação, lembrou que “cristãos são ensinados na Escritura Sagrada que Israel é o povo eleito do Altíssimo e sua terra lhes foi dada pelo único Deus por herança perpétua”, citando a carta do apóstolo Paulo aos Romanos 11: “Todo o Israel será salvo. [...] Pois] quanto à eleição, [os de Israel são] amados por causa dos patriarcas; porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Chagas, 2023).*

Esta teologia bíblica de eleição implica na exclusividade do povo de Israel na aliança com Deus, por isso os cristãos/ãs apoiam incondicionalmente a Israel não só agora, mas por todo o século XX. Em termos políticos e democráticos significa instituir mecanismos de apartheid, isto é, nem todas as pessoas têm o mesmo direito no território, de modo específico o povo palestino.

De igual modo o sionismo é também extremamente patriarcal, reforçando com políticas e sistemas de participação a desigualdade intrínseca de mulheres, em especial palestinas sob dominação militar de Israel. O militarismo é profundamente patriarcal, a religião do livro e das leis também.

Um documento assumido em outubro de 2023 por feministas de diversas regiões do mundo reconhece que a política de expansão e de apartheid perpetrada há 75 anos contra o povo palestino é uma política de ocupação e extermínio que *aprofunda a opressão patriarcal e racial* (Manifesto Feminista Pela Palestina, 2023)

Entender como esta “ideia-força” opera na América Latina - suas periferias e seus conflitos – e qual o papel que a Bíblia tem nesse monopólio da *verdade* e do *divino* exige perguntas incômodas sobre religião, cultura de massas, sujeito popular e pânico moral.

De modo especial os mecanismos de pânico moral e fake news (Cunha, 2017) atingem a América Latina confundindo até mesmo setores das chamadas “comunidades eclesiais de base” de modo especial no que diz respeito aos debates sobre famílias e sexualidades. Estes setores acionados pelo pânico moral também estão propensos a tolerar o sionismo presente no estudo da Bíblia, liturgia, teologia etc.

São perguntas sobre a manutenção dos mecanismos de colonialidade e tolerância especial com os crimes de Israel por sua “natural” pertença ao mundo bíblico. O que chamamos de leitura popular da Bíblia não tem força suficiente de enfrentamento e *mesmo quando são reconhecidas como formas de agressão, a maioria da sociedade desconsidera sua gravidade* (Castro, 2023). As exigências da leitura libertadora da Bíblia se expressam hoje na solidariedade com o povo palestino, por um imediato cessar fogo e uma resolução de paz justa. Na Palestina e na América Latina.

## **“Complexo de Israel” – o sionismo, militarismo, apartheid e patriarcalismo é aqui**

No Rio de Janeiro, um conjunto de favelas “controladas” por narcotraficantes é conhecido como “Complexo de Israel” – numa referência ao Israel bíblico. Parece estranho, mas não é: as lideranças deste Complexo usam abundantemente referências bíblicas como símbolos de identidade, se autodenominam “Tropa de Arão” – o irmão do Moisés bíblico - usam a estrela de Davi na marcação do território controlado e *está até em um neon no alto de uma caixa d’água na comunidade Cidade Alta* (Mori, 2021).

A autoidentificação com Israel se dá pelo imaginário da terra prometida ao povo de Deus na Bíblia, de acordo com explicações dos autodenominados “evangélicos”; lutam pelo controle total do território enfrentando forças policiais e agentes do Estado; lutam pela adesão –pelo bem ou pelo mal– das populações das comunidades envolvidas; expulsam do território expressões religiosas dissidentes em *nome de Deus*.

O imaginário bíblico já não cabe mais nos limites eclesiais. A Bíblia não circula somente na Escola Dominical, cultos, círculos bíblicos e estudos acadêmicos. O imaginário bíblico faz parte hoje da cultura de massas sem precisar necessariamente de um protagonismo religioso explícito: está na música, na dramaturgia, nos produtos de consumo, nas expressões corriqueira, na disputa territorial, na disputa eleitoral, no narcotráfico.

Não há novidade na presença da religião nos territórios considerados “marginais” e em disputa, como é o caso de movimentos de “foras-da-lei” no Brasil no início do século XX:

*Um dos aspectos marcantes do personalidade contraditória de Lampião era a sua religiosidade, apesar de sua vida de cangaceiro e das influências brutalizantes do cangaço, Lampião nunca abandonou a sua fé e devoção em Deus, nos santos da igreja católica, e também no Padre Cícero Romão do Juazeiro do Norte que para ele, era um homem santo* (D’Oliveira, 1999).

A novidade é a mudança no campo religioso brasileiro e latino-americano com uma expressiva adesão dos setores populares às igrejas pentecostais e suas variantes e, de modo especial, o encontro dessas maiorias com as narrativas bíblicas.

*[Tal cultura] existe nas localidades e se expressa dentro das lógicas do universo evangélico, a ver com a cosmovisão pentecostal do mundo como o lugar da guerra. É o mundo da guerra do bem contra o mal, da disputa das almas. Paralelamente, esse é o mundo do tráfico, da guerra e da vigia, é bíblico também, vigiar e orar. O vigiar vem antes do orar. O cotidiano dos traficantes é o de vigia constante* (Vital Cunha, 2017, entrevista).

Pode ser que estes evangélicos no narcotráfico nunca “leram” a Bíblia. Nem precisa: expressam um fundamentalismo religioso – mágico e extravagante - que espalha seu literalismo por canções, pregações, vídeos curtos e, de modo especial, nas manifestações públicas da extrema direita... sionista.

*O ato em apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) foi marcado por uma ampla defesa de Israel. Apoiadores do ex-presidente chegaram à Avenida Paulista, neste domingo (25 de fevereiro), vestidos com a camisa da seleção brasileira e com bandeiras israelenses e dos Estados Unidos (Brasil de Fato, fevereiro 2024).*

Trechos e narrativas bíblicas circulam pelo mundo da cultura sem qualquer mediação, sem qualquer possibilidade de rastreamento da origem específica do lugar interpretativo, mas com grande capacidade de expressar as tensões e conflitos de uma luta de classes não pronunciada, não entendida ou inviabilizada (Reikdal, 2022).

Para além de livro, a Bíblia é fonte de temas e motivos que circulam na cultura popular, numa recepção de consumo rápido, mas de profunda pertença no vocabulário e nas visões de mundo que circulam no senso comum e suas disputas.

A visão eurocêntrica dos mitos bíblicos como mãe de todos os mitos um “*mito gigantesco, narrativa que se estende sobre a totalidade do tempo*” (Andrade, 2005), quer desconhecer que este *mito gigantesco* fez parte da empresa colonial e evagelizadora do ocidente cristão norte-atlântico. A totalidade do tempo que esta visão engloba devorou o tempo e os mitos de muitos povos e culturas, destruiu possibilidades narrativas, demonizou alternativas e se impôs como extensão dos valores ocidentais. Associada a um projeto de poder colonizador a Bíblia colonizou.

### **Um problema para a hermenêutica bíblica latino-americana: popular, quem?**

A Bíblia é um objeto cultural (Pereira, 2012) tanto quanto cultural, isto é, a Bíblia deve ser considerada como “*objeto material-cultural no período capitalista da civilização ocidental, especialmente em relação à cultura mercantil da sociedade consumista*” (Carrol, 1998, p. 47).

O novo avanço global do cristianismo fundamentalista - combinado com o ressurgimento de movimentos de extrema direita - toma a Bíblia como reserva moral do Ocidente no contraponto proselitista a outros modos de fé fora do âmbito de influência do cristianismo/capitalismo ocidental do Atlântico Norte. Esta reserva moral gira em torno de temas como defesa da família patriarcal, militarismo, anticomunismo, idealismo punitivo, neoliberalismo e... sionismo (Lacerda, 2018, p. 42).

O texto bíblico tem um repertório variado e colorido de histórias fáceis de serem reproduzidas, com aparente significado óbvio e único, como verdades

“lá do alto”; o caráter performático do texto autoriza a apropriação imediata das narrativas produzindo pregadoras e profetas, repetidores criativos do enredo buscando um imaginário de superioridade, autoridade e verdade. Neste sentido, um texto histórica e literariamente complexo se torna fácil e acessível; as guerras cotidianas ganham dignidade literária e o uso da violência se legitima em nome de Deus. É tudo verdade! Está tudo no texto bíblico.

O “Complexo de Israel” – citado no início desta reflexão - existe porque o imaginário bíblico que circula na cultura de massas é este do fundamentalismo que não responde a nenhuma exigência de coerência e transita entre a defesa da família, a proteção divina e a guerra santa. O sionismo está empregando não só nas igrejas pentecostais ou neopentecostais, mas no mundo evangélico quase como um todo e do cristianismo de modo geral.

*Desde o final dos anos de 1990 cresce o interesse por Israel, ora associado ao imaginário bíblico ora como um exemplo de prosperidade divina e ora na apropriação de uma estética judaica como se nota entre algumas igrejas evangélicas brasileiras, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus. Salientamos a importância das viagens à Terra Santa e o contato com a Embaixada Cristã em Jerusalém na emergência do sionismo cristão no Brasil (Machado, Mariz & Carranza, 2023).*

Neste sentido o “popular” da leitura latino-americana da Bíblia precisa ser rediscutido: nunca foi uma questão numérica ou quantitativa, mas metodológica ou qualitativa (Kaefer, 2015)<sup>3</sup>. Se a leitura tem como critério *ler a palavra de Deus no contexto histórico em que foi escrita, para que suas mensagens genuínas possam ser lidas e vividas no contexto histórico de hoje* (Corbari, 2019) ficamos com o problema do não acesso às ferramentas de análise de contexto, mas também com a pretensão de conseguir *mensagens genuínas*.

## **Contexto, genuidade e ingenuidade – alguns exercícios**

*Eles transformarão as suas espadas em arados e as suas lanças, em foices.*

*Nunca mais as nações farão guerra, nem se prepararão para batalhas.*

Isaias 2,4 - Nova Tradução na Linguagem de Hoje

Uma vez e outra já lemos e oramos com este texto afirmando o Deus da paz e o fim da guerra. É bonito de cantar, de estampar numa camiseta talvez ou de anunciar numa celebração contra a violência. Palavra do Senhor. Mas aí vem a mesma Palavra e esfrega nos nossos olhos:

*Transformem os seus arados em espadas e das suas foices façam lanças.*

*Que até os fracos digam que são valentes!*

Joel 3,10 - Nova Tradução na Linguagem de Hoje

---

<sup>3</sup> Kaefer, A arqueologia e a leitura popular da Bíblia, Revista Caminhando v. 20, n. 2, pp. 115-126, jul./dez. 2015

O mesmo imaginário do trabalho na terra é invertido e já não mais anuncia um tempo de paz, mas um convite do Senhor do Exércitos à valentia e à guerra. Entre muitas possibilidades o texto de Isaías 13,4 apresenta Deus como senhor da guerra, que convoca e organiza um exército para castigar, esmagar os filhos e assim garantir a paz e a vingança para o seu povo. O estudo contextual e cuidadoso diria que se trata de um discurso contra os Impérios e suas destruições. Mas este contexto não aparece nas pregações e profecias da Bíblia no projeto fundamentalista: a gritaria é agora!

*Ouve-se uma gritaria nas montanhas! São exércitos que estão se ajuntando! Soldados de muitas nações se reúnem para a guerra; o Senhor do Exércitos está preparando um exército para a batalha.* - Nova Tradução na Linguagem de Hoje

Estes não são casos isolados: podemos encontrar múltiplas contradições nos textos bíblicos que dizem e desdizem de modo impactante sem muitas explicações, sem *genuínas mensagens*. Se no Êxodo temos o relato das parteiras que salvam crianças - entre elas, o menino Moisés - contra a violência do Estado...

*O rei do Egito deu a Sifrá e a Puá, que eram parteiras das mulheres israelitas, a seguinte ordem: Quando vocês forem ajudar as mulheres israelitas nos seus partos, façam o seguinte: se nascer um menino, matem; mas, se nascer uma menina, deixem que viva.* Êxodo 1,15 e 16 - Nova Tradução na Linguagem de Hoje

... no livro de Números, o Moisés adulto ordena:

*Agora matem todos os meninos e todas as mulheres que não forem virgens. Mas deixem viver todas as meninas e as moças que forem virgens; elas pertencem a vocês.*

Números 31,17 e 18 - Nova Tradução na Linguagem de Hoje

Os textos bíblicos se conversam o tempo todo, há referências cruzadas, disputa de projetos narrativos, temas repetidos, mas, ampliados, personagem em diversas situações - por exemplo: Deus protege Sara das trocas sexuais entre Abraão e os egípcios (Gênesis 12, 14 a 20) mas, quando Sara oprime Hagar Deus faz a aliança com a mulher escravizada (Gênesis 16, 6 a 13). Assim não há um modo uniforme e linear de ler o texto bíblico.

A leitura latino-americana e caribenha surge desta suspeita em relação ao texto que diz e não-diz! E neste espaço apertado da suspeita que a leitora situa o texto bíblico sempre em situação de conflito e por isso mesmo pode dialogar de modo construtivo com contradições e realidades no texto bíblico e em suas vidas. Interessa perguntar pelo projeto de poder que move a narrativa.

Elsa Tamez apresenta esta trajetória latino-americana e caribenha num artigo esclarecedor: *Lectura latinoamericana y caribeña de la biblia y lectura postcolonial de la Biblia: una comparación crítica*



*En un principio se hacía de manera selectiva y acrítica con respecto al texto. Se analizaban textos cuyo sentido liberador era evidente, y aquellos textos que no eran liberadores eran pasados de largo o, en cierto sentido, maniobrados para obtener alguna respuesta liberadora o de consuelo a la situación del punto de partida. El lado violento del texto o del Dios representado en el texto, no era asumido. Los nuevos sujetos, especialmente las mujeres, echando mano de otras ciencias sociales, como la antropología y las teorías de género, empezaron a leer de manera crítica el texto y a rechazar los textos patriarcales (Tamez, 2020).*

Assumir que o texto bíblico é violento e que em nome de Deus guerras, violências e extermínios são narrados com gosto e que não há nenhuma *manobra* possível para encontrar um sentido o *alguma resposta liberadora* faz parte do esforço hermenêutico da leitura na América Latina e no Caribe.

A colonização domesticou e violentou corpos e culturas com legítimos textos de um Deus poderoso que alimenta os senhores da guerra e do extermínio... e continua alimentando o que explica o alinhamento “bíblico” de setores do cristianismo com o Estado de Israel na sua política de extermínio da Palestina – hoje, em Gaza, e há 75 na política de Nakba - palavra árabe (نكبة) que significa “catástrofe” ou “desastre” da ocupação militar israelense na Palestina.

Esta constatação tem imperativos para a leitura latino-americana: desvendar o tanto e o quanto de sionismo (Finkelstein, 2005) toleramos em nossas leituras do texto bíblico, na pretensa neutralidade de nossas ferramentas de interpretação fascinadas pela *mãe de todos os mitos*: a Bíblia e o mito da superioridade de Israel.

## **A Bíblia: espelho ou janela?**

Quando a Bíblia é lida a partir das realidades e contextos, significa refletir uma imagem espelhada e literal ou abrir uma janela de recriação/interpretação? Os desafios de lidar com um imaginário espelhado é que os níveis de realidade se confundem e não se iluminam criticamente.

A jornalista Magali Cunha, reconhecida pela investigação e reflexão sobre a relação religião e política pergunta: que imaginário é este? como ele confunde o Israel bíblico com o atual Estado de Israel?

*De um modo geral, na compreensão mais tradicional dos evangélicos no Brasil, baseada na leitura literalista da Bíblia, Israel é o povo escolhido de Deus, um povo especial. (...) Outros leem as profecias bíblicas de que a restauração do mundo por Deus se dará quando Israel estiver plenamente assentado em sua terra e compreendem que a formação do Estado de Israel em 1948 foi o início da realização delas. Portanto, quando o o povo eleito tomar plenamente toda a terra que lhe pertence, reconhecerá nela, finalmente, Jesus como o Messias, Deus restaurará o mundo e salvará seus seguidores.... Com isso, estes grupos cristãos, equivocadamente, credenciam o atual Estado de Israel como se este fora o Israel da Bíblia. Apoiam*

*incondicionalmente suas ações e políticas, ainda que sejam consideradas práticas genocidas em relação aos palestinos, alvo maior da conquista territorial em jogo* (Cunha, 2023).

O fundamentalismo bíblico precisa insistir na Bíblia como a história de “um” povo escolhido, “uma” aliança única, “uma” terra prometida, “uma” geografia santa, que justifica “uma” guerra santa, desejada por um “deus” único. Esta insistência responde aos interesses de manter a Bíblia como reserva moral de um projeto de poder que gira em torno de temas como defesa da família patriarcal, militarismo, anticomunismo, idealismo punitivo, neoliberalismo e... sionismo (Lacerda, 2018, p.42).

Milton Schwantes abre uma bela janela interpretativa em seu livro sobre Amós (Schwantes, 2004): o êxodo é espelho ou janela? O autor chama a atenção para a denúncia do profeta: a tradição do êxodo é usada para a legitimizar um projeto nacional israelita opressor. Amós tira qualquer pretensão de exclusividade e superioridade de Israel: *Não sois vós, filhos de Israel, para mim como os filhos dos etíopes? Dito de Javé* (Amós 9,7a). Schwantes avalia o impacto teológico do texto:

*Pelo que nos parece, o próprio Amós só se refere uma única vez ao êxodo. Essa passagem encontramos em 9,7b:*

<i>Não fiz subir Israel</i>	<i>da terra do Egito,</i>
<i>os filisteus</i>	<i>de Cáftor,</i>
<i>os arameus</i>	<i>de Quir?</i>

*(...) Amós conhecia a tradição do êxodo. Ela até lhe era relevante. Contudo, ela não passava de uma tradição nacional israelita equiparável a tradições fundantes similares de outros povos, no caso de filisteus e arameus (= sírios), os inimigos ao Sul e ao Norte (cf. 1,3-5.6-8). O evento do êxodo continua tendo sua importância, embora não se restrinja a Israel. (...) Na denúncia e na ameaça “contra Israel” (Am 1,1), Amós não reserva lugar especial para Israel. Em sua teologia, Israel — devorado pelo poder da opressão — não só é equiparável aos povos, é até pior que eles. A práxis desse Israel não é melhor; sua história não é única (pp.133 e 134).*

Este é um exemplo – há muitos outros – de uma exegese e hermenêutica que mantêm a crítica e a criatividade necessárias para evitar os “ídolos” e o fascínio bibliocentrado e o inevitável sionismo.

É preciso não idealizar a Bíblia, reconhecer que os textos ditos “sagrados” desempenham papéis diferentes em diferentes contextos. O campo religioso latino-americano é complexo, cria personagens e enredos diversos e difíceis que se relacionam com as narrativas bíblicas também de modo diverso e difícil. Não procuramos *mensagens genuínas*: no uso das ferramentas de interpretação e na vivência de comunidades de leitura e espiritualidade nós nos esforçamos para manter a janela aberta e a “bíblia” entre tantas outras formas de “deus”

conversar com a gente. Neste momento reafirmar nossa metodologia e espiritualidade é ser solidário com a luta de nosso povo por dignidade e, mais urgente e necessário, apoiar o fim da guerra, a Palestina Livre e Soberana e a paz justa duradoura.

### **Referências bibliográficas<sup>4</sup>**

- Andrade, Fábio de Souza, A mãe de todas as histórias, Folha de São Paulo, 13/2/2005, <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1302200511.htm>
- Aljazeera, Netanyahu says Israeli forces killed World Central Kitchen workers in Gaza, Israel War on Gaza, 2/04/24, <https://www.aljazeera.com/news/2024/4/2/netanyahu-admits-israeli-forces-killed-ngo-workers-in-gaza>
- Azenha, Luis Carlos, Netanyahu usa a Bíblia para justificar guerra contra Hamas, <https://revistaforum.com.br/global/2023/10/30/netanyahu-usa-biblia-para-justificar-guerra-contra-hamas-146850.html>
- Brasil de Fato, Com bandeiras, bolsonaristas reforçam discurso pró-Israel em meio a genocídio em Gaza, 25/fev/2024, <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/25/com-bandeiras-de-israel-bolsonaristas-reafirmam-apoio-a-netanyahu-e-ao-genocidio-emgaza>
- Carroll, Robert P., Lower Case Bibles, commodity culture and Bibles, in EXXUM J., MOORE, S., Biblical Studies, Cultural Studies, The Third Sheffield Colloquium, JSOT, Supplement Series, 1998, p. 46 – 56, [https://books.google.com.br/books?id=TqYg0l8n0acC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=TqYg0l8n0acC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)
- PEREIRA, Nancy Cardoso, Paper is patiente, history is not, readings an un-readings of the Bible in Latin America (1985 – 2005), in: SEGOVIA; BOER, The Future of the Biblical Past: Envisioning Biblical Studies on a Global Key, Semeia Studies 66, 2012, Society of Biblical Literature, pp. 149 – 166, <https://books.google.com.br/books?id=qUmL7Bd9WsIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=snippet&q=166&f=false>
- Castro, Felipe, Pânico moral e seus perigos, Instituto Aurora Direitos Humanos, 2023, <https://institutoaurora.org/panico-moral-e-seus-perigos/>
- Chagas, Thiago, Sayão e Franklin Ferreira dizem que cristãos devem apoiar Israel: ‘Povo eleito do Altíssimo’, GOSPELMais, 9/10/23, <https://noticias.gospelmais.com.br/luiz-sayao-franklin-ferreira-cristaos-apoiar-israel-164938.html>

---

<sup>4</sup> Todos os materiais foram acessados nos dia 7 de maio de 2024.

- Corbari, Marcos, “Leitura Militante da Bíblia”, obra referencial de Sandro Galazzi, ganha nova edição, Brasil de Fato, 17/1/2019, <https://www.brasil-defato.com.br/2019/01/17/leitura-militante-da-biblia-obra-referencial-de-sandro-galazzi-ganha-nova-edicao>
- Cunha, Magali do Nascimento. Do púlpito às mídias sociais: Evangélicos na política e ativismo digital. Curitiba: Prismas, 2017.
- Cunha, Magali, O que é o sionismo cristão e por que ele alimenta a direita no Brasil, Diálogos da Fé, Carta Capital, 18/10/2023, <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/o-que-e-o-sionismo-cristao-e-por-que-ele-alimenta-a-direita-no-brasil/>
- D’Oliveira, Max, O Cangaço e a Religiosidade de Lampião, UFPB, 1999, <https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/46246/28465>
- Falcão, Pastor diz que guerra contra Israel e seus desdobramentos ‘fazem parte da profecia’, Gospelmais, 9/10/2023, <https://noticias.gospelmais.com.br/pastor-diz-guerra-contra-israel-parte-da-profecia-164943.html>
- Feraboli, Silvia, Os palestinos e a luta pelo direito de existir, entrevista concedida a Thamiris Magalhães, IHU Online edição 408, 2012, <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao408.pdf>
- Finkelstein, Norman, Imagem e realidade do conflito Israel - Palestina, Editora Record, RIO / SP 2005, [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7572852/mod\\_resource/content/1/Imagem%20e%20Realidade%20do%20Conflito%20Israel%20-%20Palestina%20Cap.%201.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7572852/mod_resource/content/1/Imagem%20e%20Realidade%20do%20Conflito%20Israel%20-%20Palestina%20Cap.%201.pdf)
- Fiori, José Luis, Sobre a arrogância dos “povos escolhidos”, Outras Palavras, 1/4/2024, <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/sobre-a-arrogancia-dos-povos-escolhidos/>
- Frye, N, O código dos códigos: a Bíblia e a literatura, Edições 70, 2021, [https://books.google.com.br/books?id=jbQkEAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=jbQkEAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)
- Human Rights Watch, 2021, Políticas israelenses abusivas constituem crimes de apartheid e perseguição, <https://www.hrw.org/pt/news/2021/04/27/378578>
- Kaefer, A arqueologia e a leitura popular da Bíblia, Revista Caminhando v. 20, n. 2, p. 115-126, jul./dez. 2015
- Machado, Ricardo Machado, IHU Online, 6 Fevereiro 2017, Oração de traficante. O mundo da guerra do tráfico e da guerra das almas - entrevista com Christina Vital Cunha, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/564908-oracao-de-trafficante-o-mundo-da-guerra-do-traffic-e-da-guerra-das-almas-entrevista-com-christina-vital-cunha>
- Machado, Maria, MARIZ, Cecília & CARRANZA, Brenda, Genealogia do sionismo evangélico no Brasil, <https://pp.nexojournal.com.br/academico/2023/04/04/como-se-formou-o-sionismo-evangelico-no-brasil>

- Manifesto Feminista Pela Palestina, Rede Internacional, Ação Global, 2023, <https://www.esquerdadiario.com.br/Manifesto-feminista-pela-Palestina>
- Mariz, Cecília. “A teologia da guerra espiritual: uma revisão da literatura sócio--antropológica”. BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol.47, 1999, pp.33-48, <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/213/204>
- Mori, Letícia, ‘Narcopentecostalismo’: traficantes evangélicos usam religião na briga por territórios no Rio, BBC, 12 maio 2023, <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cj5ej64934mo>
- Reikdal, Bruno, O nome é “luta de classes”, queridos, Revista Zelota, 2022, <https://revistazelota.com/o-nome-e-luta-de-classes-queridos/>
- Sacramento, Sionismo – etapa superior do colonialismo anglo-saxão, A Terra é Redonda, 14/10/23, <https://aterraeredonda.com.br/sionismo-etapa-superior-do-colonialismo-anglo-saxao/>
- Sahad, Fábio, Apartheid na Palestina: 75 anos de impunidade, Elos, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 27/10/23, <https://elos.sites.uepg.br/destaques/apartheid-na-palestina-75-anos-de-impunidade/>
- Schwantes, Milton, A terra não pode suportar suas palavras, Paulinas, SP, 2004, 206 pp, <https://pdfcoffee.com/qdownload/a-terra-nao-pode-suportar-suas-palavras-reflexao-e-estudo-sobre-amos-pdf-free.html>
- Tamez, Elsa, Lectura latinoamericana y caribeña de la biblia y lectura post-colonial de la Biblia: una comparación crítica, RevBib 82, Argentina, 2020 167-188, <https://www.revistabiblica.com/ojs/index.php/RB/article/view/219>
- Unrwa Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente, Situation Report #87 on the situation in the Gaza Strip and the West Bank, including East Jerusalem - All information from 5–6 March 2024, <https://www.unrwa.org/resources/reports/unrwa-situation-report-87-situation-gaza-strip-and-west-bank-including-east-Jerusalem>
- Vital Cunha, Christina, “Traficantes evangélicos”: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas, PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.15, 2008, pp.23-46, [https://www.researchgate.net/publication/285544015\\_Traficantes\\_evangelicos\\_novas\\_formas\\_de\\_experimentacao\\_do\\_sagrado\\_em\\_favelas\\_cariocas](https://www.researchgate.net/publication/285544015_Traficantes_evangelicos_novas_formas_de_experimentacao_do_sagrado_em_favelas_cariocas);

Nancy Cardoso  
nancycptro@gmail.com